

***Feridas abertas na terra¹*: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira**

Sandra Valente

Licenciada em Planeamento Regional e Urbano. Mestre em Sociologia. Bolseira de Doutoramento do Departamento de Ambiente e Ordenamento – Universidade de Aveiro (sandra.valente@ua.pt)

Elisabete Figueiredo

Socióloga. Doutorada em Ciências Aplicadas ao Ambiente. Professora Auxiliar na Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas – Universidade de Aveiro (elisa@ua.pt)



Colóquio Ibérico de Estudos Rurais
Cultura, Inovação e Território

Coloquio Ibérico de Estudios Rurales
Cultura, Innovación y Territorio

Coimbra, Portugal

Outubro / Octubre 23-25, 2008

¹ Esta expressão foi utilizada por Pé-Curto *et al.* (2002).

Resumo

«As minas abandonadas são, na maior parte das vezes, deixadas no esquecimento e abandono, sendo vistas como “feridas” abertas na terra...» (Pé-Curto et al., 2002:211). É perante a proliferação de áreas mineiras degradadas e abandonadas que tem aumentado o interesse pela reabilitação do seu património, no sentido do aproveitamento turístico e como potencial factor de desenvolvimento local (Brandão, 2002). As Minas da Panasqueira, localizadas na Beira Interior de Portugal, são paradigmáticas desta realidade, representando parte fundamental da história e da identidade das comunidades locais vizinhas, e onde existem em curso algumas iniciativas de aproveitamento do seu património para fins turísticos.

Com esta comunicação pretende-se, assim, discutir a problemática do encerramento da exploração mineira, bem como avaliar as estratégias existentes para a recuperação do património, com base na evidência empírica recolhida, através de inquéritos por questionário à população local, de entrevistas às entidades políticas e ainda de análise documental.

Palavras-Chave: Actividade mineira; património geomineiro; Minas da Panasqueira

1. Introdução

A proliferação de sítios mineiros degradados e/ou abandonados em consequência do encerramento ou abrandamento da actividade, associada aos impactos decorrentes desta situação, tem conduzido à multiplicação de iniciativas de aproveitamento do património mineiro essencialmente para fins turísticos. Tais iniciativas de recriação patrimonial inscrevem-se na tentativa de revitalizar social e economicamente áreas que no passado conheceram grande dinamismo e que, actualmente, fruto do abrandamento de uma actividade central no tecido económico e social local, assim como da ausência de alternativas, se podem considerar deprimidas.

Neste contexto, a recriação patrimonial das áreas mineiras degradadas e/ou abandonadas apresenta-se como a principal solução, podendo o turismo ser considerado como uma actividade geradora de novas dinâmicas socioeconómicas. Simultaneamente, as actividades turísticas podem contribuir para a recuperação de um vasto património, através da utilização activa de instalações e equipamentos associados à mineração, assim como através da mobilização das *memórias colectivas* e da identidade local, frequentemente muito marcadas pela existência das minas.

Com base na evidência empírica recolhida na área das Minas da Panasqueira, situadas na Região Centro Interior de Portugal, e em actividade há mais de 100 anos, pretende-se analisar a problemática do abrandamento da exploração e sobretudo as perspectivas de futuro no que se refere ao aproveitamento do património mineiro para a actividade turística. Esta análise revela-se tanto mais pertinente no contexto da inexistência de um plano de encerramento da exploração (à semelhança do que acontece em outras áreas

mineiras mundiais) e da desarticulação das iniciativas de recuperação e aproveitamento do património mineiro em curso.

No sentido de debater as questões mencionadas, este trabalho começa por discutir a relação entre as áreas mineiras, o seu património e a identidade local para seguidamente abordar as consequências do encerramento das explorações e a necessidade de planear o futuro dos sítios mineiros. Finalmente, serão debatidas as oportunidades e os constrangimentos associados à recuperação do património geomineiro para fins turísticos na área das Minas da Panasqueira.

2. Minas, Identidade e Património

O crescente desenvolvimento tecnológico, associado à melhoria dos padrões de qualidade de vida das sociedades contemporâneas, tem-se reflectido num aumento da dependência face à exploração de recursos minerais (e.g. Valente, 2008). No entanto, nos últimos anos a indústria extractiva mundial sofreu uma alteração em termos da localização dos principais centros de exploração. Entre os factores para esta transferência estiveram o esgotamento de algumas reservas e consequente encerramento de grandes minas, o aparecimento de jazigos minerais em países menos desenvolvidos e o baixo custo de exploração nesses países, assim como o movimento *verde* iniciado nos anos 90, principalmente nos países mais industrializados, que desencadeou uma maior exigência ambiental nos espaços tradicionais de produção mineira (Magno, 2001; MMSD, 2002). Assim, *«a recomposição do mapa-mundo da indústria extractiva (...) tem provocado o surgimento de inúmeras áreas industriais abandonadas, ou em vias de abandono»* (Barroqueiro, 2005:13), aspecto que tem sido negligenciado, quer pelas companhias mineiras, quer pelos órgãos de governação.

Muito embora as explorações mineiras tenham representado para áreas rurais menos favorecidas um importante factor de crescimento económico (e.g. Menezes, 1988), a sua paralisação ou abrandamento de actividade colocaram problemas acrescidos num cenário de não desenvolvimento do capital social, de não diversificação da base económica e de perda de importância da agricultura no mundo rural em termos gerais. Se nas áreas rurais sem actividade mineira os problemas mencionados, associados ao êxodo populacional e ao tecido económico e social representam graves problemas, nas áreas mineiras esses problemas assumem maior relevo, essencialmente devido aos grandes impactos ambientais provocados pela actividade e que permanecem muito para além do término da mesma. De facto, como referem Pé-Curto *et al.* (2002:211), *«as minas abandonadas são, na maior parte das vezes, deixadas no esquecimento e abandono, sendo vistas como “feridas” abertas na terra, originando um impacte visual negativo e constituindo em muitos casos, fonte de insegurança e poluição para as zonas envolventes»*. De entre os inúmeros impactos de natureza ambiental, económica e social podem ser destacados: a destruição de vegetação e de terras agrícolas; a descarga de efluentes não tratados; a perda de empregos; a delapidação de infra-estruturas públicas; as perdas de impostos (e.g. Nyamekye, 2000), a instabilidade dos trabalhadores; a alteração do bem-estar físico e psíquico; a ausência de alternativas de trabalho; a perda de auto-estima; o isolamento social; os problemas familiares (e.g. Roberts e Veiga, 2000; Hoskin, 2000).

Neste sentido, se em termos globais as áreas rurais apresentam um conjunto de amenidades que, no quadro actual de valorização das tradições culturais e do ambiente, se constituem como oportunidades de desenvolvimento, as áreas mineiras abandonadas não podem ser incluídas neste cenário pelos impactos causados pela actividade e antes referidos. No entanto, existem algumas especificidades nestes territórios que poderão funcionar como elementos atractivos em termos de desenvolvimento de algumas actividades turísticas, designadamente as galerias, as infraestruturas e equipamentos da exploração, os bairros e outras construções associados às comunidades mineiras e, principalmente, todo o vasto património imaterial, constituído pelas *memórias* e *histórias* locais de comunidades marcadas por esta actividade. Contudo, as oportunidades de desenvolvimento de um produto turístico associado às remanescências da actividade mineira serão maiores se os impactos do encerramento nas comunidades locais forem incorporados no próprio processo de gestão e exploração (e.g. MMSD, 2002), através da elaboração de um plano de transição para a economia pós-mina (e.g. Clark, 2000; Hoskin, 2000). Apesar deste reconhecimento, não existem ainda muitos exemplos de sucesso nesta matéria, particularmente no que concerne à avaliação dos impactos socioeconómicos pós-mina (e.g. MMSD, 2002)².

A proliferação de áreas mineiras degradadas e abandonadas a nível mundial tem desencadeado a necessidade de reflectir sobre as possíveis soluções para a sua reabilitação, atendendo a diversos aspectos³, entre os quais o importante património remanescente, que conjuga aspectos geológicos, mineiros e culturais, que é relevante manter no sentido da sua valorização e transmissão (e.g. Gómez *et al.*, 2002; Gómez e Martínez, 2006). A forma mais comum de perpetuar este património material e imaterial, ao mesmo tempo contribuindo para o desenvolvimento local, tem sido através do seu aproveitamento turístico (e.g. Ballesteros e Ramírez, 2007). Assim, pode afirmar-se que o turismo constitui uma das soluções mais evocadas para muitas das áreas mineiras, muito embora o conteúdo e o alcance das iniciativas a ser implementadas deva ser objecto de profunda reflexão, sobretudo no contexto do actual debate acerca da efectiva relação entre turismo e desenvolvimento local⁴ e atendendo às especificidades deste tipo de actividade turística que se sustenta fortemente na identidade colectiva podendo, em simultâneo, contribuir para a sua transformação. A tendência frequente para a musealização do património geomineiro pode encerrar diversos tipos de efeitos perversos. Durand (2005:10) refere que no sentido de evitar alguns desses efeitos, se deve promover a dinamização do património, evitando deste modo «... *fossilizá-lo, vitrificá-lo para o entregar a gerações vindouras que não estarão necessariamente interessadas nele no seu estado actual por não terem nenhuma ligação memorial viva ao acontecimento traumático que foi para a região o fim definitivo da sua actividade principal ao longo de séculos*»⁵. Para

² Para além do referido, saliente-se que a maioria das explorações mais antigas não previu medidas pós-encerramento. Assim, apenas algumas companhias mais pró-activas têm considerado os seus impactos e atribuído alguma importância à reabilitação do sítio mineiro no planeamento da exploração (e.g. Azapagic, 2004).

³ Por exemplo, Roberts e Veiga (2000) apresentam alguns aspectos centrais nesta discussão, nomeadamente o uso futuro do território pós-mina, o papel das companhias mineiras no apoio à transição pós-mina, soluções técnicas para os problemas ambientais, as medidas específicas para lidar com questões de ordem social e ética, entre outros aspectos, no sentido de restabelecer a sustentabilidade ambiental, social e económica da áreas e comunidades afectadas (e.g. Valente, 2008).

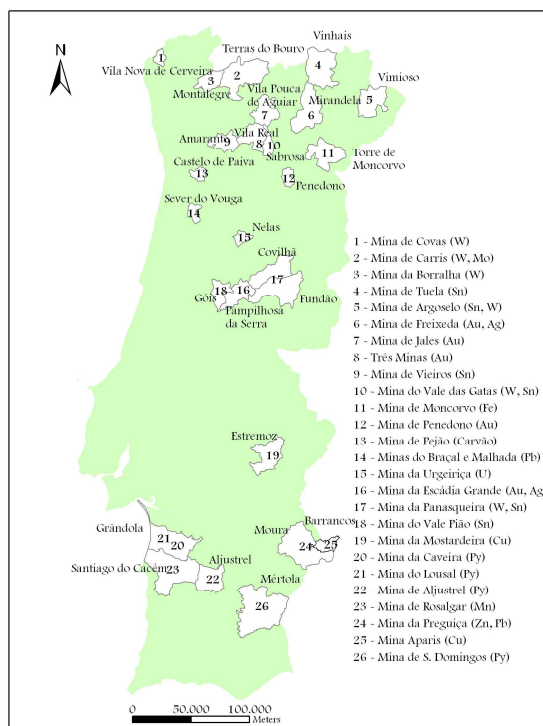
⁴ Como salientam alguns autores os impactos do turismo em áreas rurais encontram-se amplamente por medir. Sobre estas questões ver, entre outros, os trabalhos de Cavaco (1995), Ribeiro e Marques (2002) e ainda de Kastenholtz e Figueiredo (2007).

⁵ Ver igualmente o trabalho de Matos *et al.* (2002) em que os autores defendem justamente a necessidade de a valorização do património geológico e mineiro se deve afastar da ideia de um museu estático e aproximar-se da noção de museu aberto e com vida. Valente (2008) descreve alguns casos de sucesso neste domínio.

que as memórias e identidades associadas à actividade mineira se mantenham vivas e dinâmicas importa partir de uma base em que o sentimento de pertença e comunhão das comunidades locais e da identidade colectiva esteja marcado efectivamente por fortes símbolos da actividade mineira. O turismo mineiro é, em grande medida, como o definem Ballesteros e Ramírez (2007) um turismo *de herança*. Os resultados do seu estudo em algumas minas do Sul de Espanha demonstram claramente que a herança material mineira não é suficiente para promover e sustentar o desenvolvimento de actividades turísticas. Assim, é sobretudo o reconhecimento e a valorização por parte das das populações locais de que a *herança* mineira faz parte da sua identidade e património colectivo, o factor que determinará o sucesso das estratégias e iniciativas turísticas. Como referem os autores citados, *“para o desenvolvimento do turismo ‘de herança’ a herança existente deve ser capaz de ser convertida num recurso turístico. Por outro lado, o turismo, como actividade económica, está sujeito às leis da convergência entre o mercado e as políticas públicas. No entanto, a herança está profundamente enraizada no sentido de pertença a uma comunidade, por um lado e ao conteúdo da identidade colectiva, por outro. Sem um sentido de comunidade não existe herança colectiva; sem uma identidade formada a partir da vivência nas minas, não existe herança mineira, apenas remanescências e ruínas que não são valorizadas ou utilizadas”* (Ballesteros e Ramírez, 2007: 685). Neste sentido, a identidade e a comunidade são factores decisivos no processo de desenvolvimento do turismo mineiro, assim como na sua compreensão. Mais ainda, é fundamental que a própria população local estabeleça uma *relação de consumo* com a sua *herança*, i.e., a *herança* mineira deve ser constituída como factor estratégico na construção simbólica da comunidade.

Efectivamente, para além da recriação e valorização de todo o património material deixado pela exploração mineira, após o encerramento da actividade, o sucesso das iniciativas de criação de um produto turístico neste domínio depende em grande medida do modo como é mobilizada a herança imaterial e do grau de maior ou menor envolvimento das comunidades e trabalhadores das minas. Isto porque, como refere Durand (2005: 12) *«...não é tão complicado como isso criar um museu local, mas é muito mais complicado fazer com que dure»*. A permanência tanto dos artefactos como das *memórias* e a sua dinamização são, assim, os factores que podem contribuir para que a recriação patrimonial de áreas mineiras abandonadas represente um novo fôlego de crescimento económico e dinamização social de áreas deprimidas e sem alternativas. Como nos dizem Santos e Tinoco (1998: 120) estas iniciativas sustentadas nas tradições e práticas associadas aos modos de trabalho, às alterações ambientais, às formas de sociabilidade, às infraestruturas específicas desta actividade, aos movimentos operários, entre outros aspectos, podem desempenhar um papel duplamente relevante *«...para a população local, pela oportunidade de redinamização sócio-económica e pela reabilitação de um património sempre presente no quotidiano dos habitantes e nas suas representações mentais, nomeadamente afectivas; e para os visitantes que têm uma apetência pelo universo mineiro, já pelo conhecimento dessa realidade, já pela sedução por esse mundo desconhecido e obscuro feito de mistérios em que tudo se passa nos subterrâneos»*. Mais ainda, como em qualquer produto turístico que se desenvolva em meio rural, o sucesso das iniciativas encontra-se extraordinariamente dependente das articulações entre esse mesmo produto e outros recursos locais e regionais, como a paisagem, as actividades tradicionais (e.g. agricultura, artesanato), entre outros.

Em Portugal, à semelhança do resto da Europa, o decréscimo da actividade mineira e o encerramento de muitas explorações levou à existência de um vasto legado de antigas explorações abandonadas de sulfuretos maciços polimetálicos, manganês, cobre, ouro, prata, volfrâmio, estanho, ferro, carvão e urânio. É visível o passivo ambiental deixado por estas explorações, o que por sua vez se reflecte na depreciação da imagem pública do sector (e.g. Matos *et al.*, 2002). Perante esta situação, o Governo Português assumiu a responsabilidade de definir e implementar um programa dirigido para a reabilitação ambiental de áreas mineiras degradadas. Este projecto designa-se por Projecto de Avaliação de Riscos Ambientais para Reabilitação de Minas Abandonadas e foi levado a cabo pelo Instituto Geológico e Mineiro (IGM), correspondendo a um estudo de caracterização ambiental da situação mineira actual, com especial enfoque nas minas abandonadas (Oliveira *et al.*, 2002). A exploração mineira foi de facto «...a principal responsável pela depressão social e económica e pela degradação ambiental dessas mesmas regiões, página que se tenta hoje reescrever com a (re)descobertas desses lugares num perspectiva museológica de potenciação turística» (Brandão, 2002:7). No entanto, e apesar de algumas iniciativas já em curso⁶, ainda não existe um inventário do património geomineiro português do ponto de vista do seu potencial turístico, e este património encontra-se mesmo, na sua maioria, numa situação de abandono e degradação. Matos *et al.* (2002) procederam a um levantamento do património geológico e mineiro relevante, no nosso país, chegando à identificação de 26 sítios⁷, tal como mostra a figura 1.



Fonte: Adaptado de Matos *et al.*, 2002

Figura 1 – Localização das minas portuguesas com património geológico e mineiro importante

⁶ A título de exemplo refiram-se o Projecto RELOUSAL (Projecto de Desenvolvimento Integrado e Redinamização do Lousal) e o Parque Mineiro da Cova dos Mouros.

⁷ Os autores utilizaram critérios associados ao povoamento mineiro; existência de diversas infraestruturas e equipamentos associados á actividade (e.g. lavarias, malacates, poços, galerias e chaminés metalúrgicas) e interesse dos afloramentos.

De salientar que a maioria dos sítios inventariados se localiza em áreas do Norte e Centro interior e no Alentejo, no último caso, mais precisamente na Faixa Piritosa Ibérica. Do ponto de vista dos processos de desenvolvimento económico e social, são áreas que podem ser consideradas *remotas*, constituindo este património uma possibilidade de dinamização do seu tecido socioeconómico.

3. Minas da Panasqueira: entre a morte anunciada e a revitalização desejada

3.1 Breve enquadramento histórico, socioeconómico e patrimonial

As Minas da Panasqueira constituem um bom exemplo do que foi referido na secção anterior, quer pela longa *marca* que a actividade mineira foi deixando nas comunidades, economia e paisagem locais, quer pelo manancial patrimonial em abandono, consequência do abrandamento da exploração.

As Minas da Panasqueira localizam-se na Beira Interior de Portugal, a sul da Serra da Estrela, e abrangem parte dos concelhos da Covilhã e do Fundão (Figura 2). Estas minas encontram-se em exploração há mais de um século, tendo sido uma das mais importantes explorações mundiais de volfrâmio e representando o principal centro mineiro da Região Centro e o segundo do país, a seguir às Minas de Neves-Corvo em Castro-Verde. A área estudada corresponde às cinco freguesias envolvidas das minas, nomeadamente as freguesias da Aldeia de São Francisco de Assis e de São Jorge da Beira (concelho da Covilhã), as freguesias da Barroca e de Silvares (concelho do Fundão) e ainda a freguesia de Dornelas do Zêzere (concelho da Pampilhosa da Serra) (Figura 2).

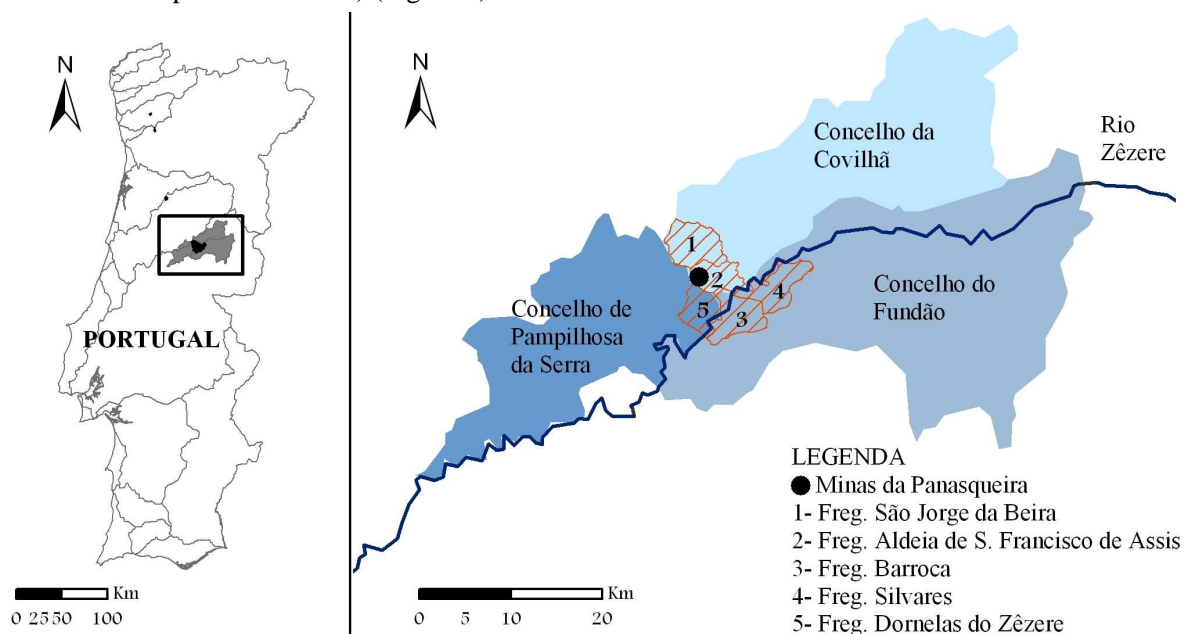


Figura 2. Localização das Minas da Panasqueira e da área de estudo

Segundo Valente (2008:84), a área de estudo «...corresponde a uma área rural em declínio, onde a actividade mineira ainda permite que se vão mantendo alguns habitantes, mas o encerramento das minas poderá determinar o abandono total, face à ausência de alternativas económicas e de um modelo de desenvolvimento». Esta descrição dá conta das características socio-demográficas da área, nomeadamente da baixa densidade populacional, do alto índice de envelhecimento, dos baixos níveis de escolaridade e de formação profissional, do elevado número de inactivos, da predominância de emprego no sector primário, de um sector agrícola pouco produtivo, da existência de habitações em estado de degradação avançado e de muitas residências secundárias, assim como da carência de infra-estruturas e serviços públicos⁸.

No intuito de discutir a problemática dos impactos da actividade mineira nas comunidades locais e as consequências do encerramento da exploração, bem como de avaliar as estratégias existentes em termos de desenvolvimento local, foram realizados Inquéritos por Questionário (IQ) à população residente e Inquéritos por Entrevista (IE) às entidades políticas da área de estudo⁹. Inquiriram-se 84 residentes¹⁰ nas cinco freguesias mencionadas anteriormente, correspondendo a uma amostra de 2,5% da população total das mesmas. Na construção da amostra, utilizando a técnica da amostragem *por quotas*, foram tidos em conta critérios associados à residência, sexo, idade, nível de escolaridade e condição perante o trabalho, garantindo assim que a distribuição real destas características se encontra representada na amostra. Em termos de género, 44% dos inquiridos são homens e 56% são mulheres. Relativamente à estrutura etária dos inquiridos existe uma elevada percentagem de inquiridos com idade superior a 64 anos. Os níveis de escolaridade dos inquiridos reflectem os baixos níveis de literacia da população residente na área das Minas da Panasqueira, sendo que cerca de 20% são analfabetos e 43% possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico ou equivalente. No que concerne à condição perante o trabalho, 42% dos inquiridos exercem uma actividade económica e 37% são reformados, distribuindo-se os restantes pelas situações de doméstica/o e estudante. Entre os inquiridos que exercem uma actividade económica, 34% estão empregados no sector secundário e 31% no sector terciário. De salientar que 10% dos respondentes são homens que ainda trabalham nas minas e 27% estão reformados desta actividade.

Na Panasqueira a exploração mineira esteve, desde sempre, ligada aos grandes conflitos mundiais, tendo atingido o seu período áureo no decorrer da II Guerra Mundial. Desde então, a exploração tem registado períodos de grande instabilidade, tendo mesmo chegado a suspender a laboração por cerca de um ano. No entanto, é inegável o papel das minas no crescimento demográfico, económico e social das comunidades mais próximas. Como referia Leal (1945:165), «*sem as Minas, a maior parte destas povoações continuariam talvez ainda terras de pequena lavoura e de comércio pobre, escondidas no sopé das montanhas de muito difícil acesso, longe da vila e da cidade. Ao contrário, hoje, com transportes fáceis, carreiras rápidas, vestidas de novo, são freguesias alegres que progridem e se desenvolvem dia a dia num trabalho grande e constante*». Efectivamente, pode ser afirmado que as comunidades mais próximas se habituaram a conviver com os impactos negativos da mineração, devido essencialmente aos benefícios

⁸ Para uma caracterização mais detalhada dos aspectos socioeconómicos, demográficos e associados à actividade mineira, ver o trabalho de Valente (2008).

⁹ Foram realizados IE a todos os Presidentes de Junta de Freguesia da área de estudo, bem como ao Director-Geral da Beralt Tin & Wolfram, companhia mineira da Panasqueira.

¹⁰ O trabalho de campo decorreu ao longo do mês de Julho de 2005.

económicos decorrentes da presença de uma exploração desta envergadura. Assim, se por um lado, a importância das minas para estas comunidades foi evidente no crescimento do emprego e da população, (e igualmente na criação de infraestruturas e serviços ligados à saúde, educação, transportes e acessibilidades, alojamento, e mesmo na área cultural e desportiva e até religiosa e no dinamismo comercial), por outro, os danos ambientais e na saúde, assim como as repercussões noutras actividades económicas (como a agricultura) foram também relevantes, não terminando com o abrandamento da exploração. No entanto, existe uma clara tendência da população local para a subvalorização dos impactos de natureza biofísica por referência aos de natureza económica, como já demonstrámos noutros trabalhos (e.g. Valente e Figueiredo, 2007 e 2008; Valente, 2008).

Uma tão longa convivência com a actividade mineira deixou marcas culturais não negligenciáveis na identidade das comunidades locais, consubstanciadas num vasto património material e imaterial. A este respeito, Barroqueiro (2005:113) refere que *«para bem da memória mineira, quis o destino que grande parte desse património ainda perdure, algum dele em boas condições, até porque as Minas da Panasqueira continuam em actividade e, esperamos, assim prossigam, enquanto o volfrâmio durar e existir mercado que o absorva»*. Apesar das minas ainda se encontrarem em laboração, estão já em curso algumas iniciativas locais no sentido da recuperação e recriação do seu património para fins turísticos. Estas incluem o Projecto Rio, do município do Fundão, com o objectivo de criar o *Parque Temático do Couto Mineiro da Panasqueira*. Como nos diz ainda Barroqueiro (2005: 149), este projecto *«...apresenta diversas vertentes, que vão desde a recuperação, conservação e dinamização do património (ainda) existente, à criação de maquetas e cenários que reproduzam o ambiente de trabalho quotidiano da mina, passando por outros aspectos, como sejam a reconversão de espaços com fins multiusos, culturais, alojamento e restauração, tudo integrado num conceito vivo e dinâmico, onde o visitante se sinta parte activa»*. Concretamente, na vertente do alojamento foram já efectuadas obras de recuperação de um dos bairros mineiros para turismo rural e criada uma pousada da juventude. Existem ainda outros exemplos de projectos que se encontram em fase muito embrionária na área envolvente da Barroca Grande, na freguesia da Aldeia de São Francisco. Estas iniciativas e/ou projectos demonstram bem o interesse das autoridades locais pelo turismo como solução para os problemas sentidos pelo abrandamento da actividade mineira. No ponto seguinte, debateremos a questão do turismo como uma oportunidade para esta área, capaz de mobilizar o património material e as identidades colectivas no desenvolvimento de um produto que contribua para *sarar a ferida*.

3.2 Sarar a ferida e revitalizar o património geomineiro

Como se referiu anteriormente, as minas marcaram as comunidades locais envolventes essencialmente através da oferta de emprego e da construção de infraestruturas e equipamentos que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida destas populações. Relativamente ao emprego, pode ser observado na figura 3 o ainda significativo peso desta actividade, sobretudo entre os residentes mais velhos. O peso passado e a ligação às minas pode ser confirmado pela circunstância de 88% dos inquiridos terem mencionado familiares que trabalham ou já trabalharam nas Minas da Panasqueira. Destes, 31% têm ou

tiveram dois familiares empregados nesta actividade e 24% referem pelo menos três familiares. Saliente-se que na maior parte dos casos se trata de familiares em primeiro grau, ou seja, por ordem decrescente, pai (33%); irmãos (18%), tios (16%) e cônjuge (10%).

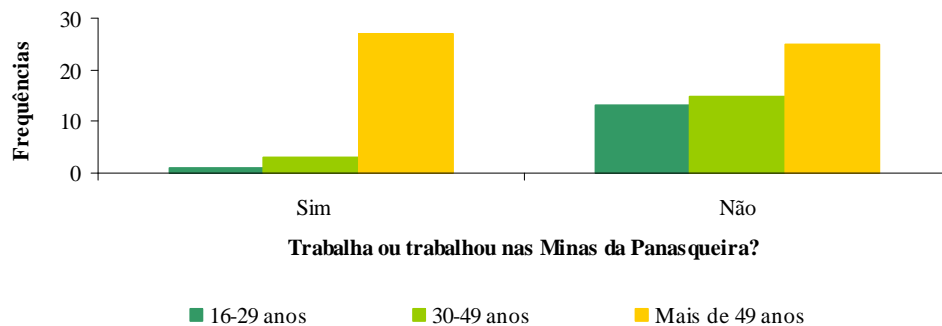


Figura 3 – Inquiridos que trabalham ou trabalharam nas Minas da Panasqueira por idade

Os dados acima apresentados demonstram a grande dependência, em termos de rendimento, da população local às minas, circunstância que é reforçada pelo facto de 91% dos inquiridos considerarem ainda hoje que as comunidades onde residem dependem economicamente da mina e de 88% reconhecerem a importância da mesma na área onde residem. A grande ênfase colocada nas questões económicas e de emprego é visível nas percepções dos habitantes inquiridos, relativamente aos impactos positivos das minas. A oferta de emprego, a fixação da população na área e o aumento do rendimento assumem-se como os aspectos mais apontados (figura 4). Saliente-se, no entanto, que aspectos relacionados com a *memória* ou *herança* local, como ‘não deixar esquecer a área’ ou a ‘atração de visitantes’, são também citados de forma significativa.

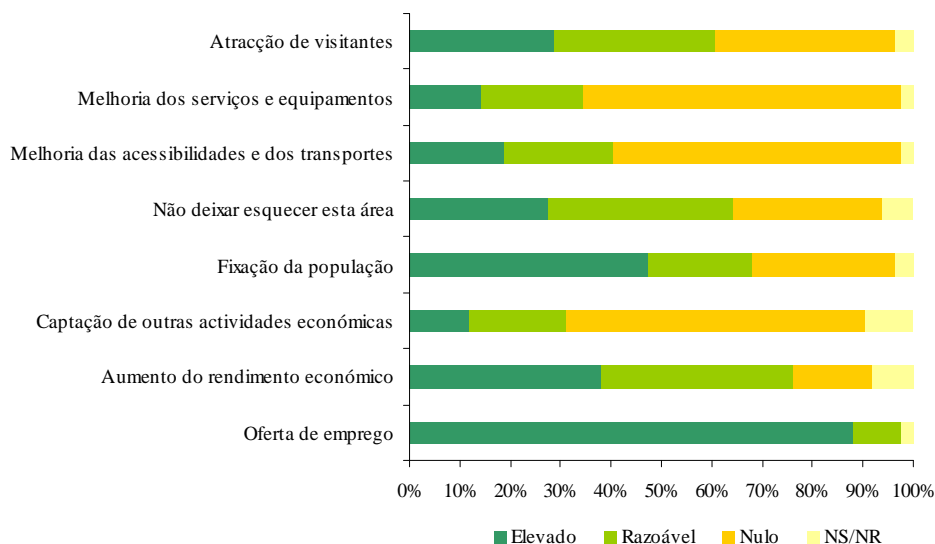


Figura 4 – Classificação dos impactos positivos decorrentes da actividade mineira sentidos pela população inquirida

A atracção de visitantes e o não esquecimento desta área foi particularmente salientada pelos inquiridos nas freguesias de São Jorge da Beira, Silvares e Dornelas do Zêzere e menos mencionada nas freguesias da Barroca e da Aldeia de São Francisco, respectivamente pelo facto de que os projectos turísticos previstos para a Barroca assentam sobretudo na exploração de património não mineiro (arte rupestre) e de estarem actualmente concentrados na Aldeia de S. Francisco de Assis os trabalhos de mineração, impedindo de certa forma o aproveitamento turístico do património. Estes resultados são concordantes com a análise de Barroqueiro (2005) que destaca precisamente o facto da maioria dos indivíduos inquiridos no seu estudo, ainda que desconhecendo os projectos turísticos que existem nesta área, manifestar vontade de não deixar esquecer a *memória* mineira, considerando que a mesma pode constituir uma mais-valia para a região.

Tendo em conta o exposto anteriormente, não é surpreendente que os resultados produzidos por Valente (2008) acerca da percepção social dos habitantes na área das Minas da Panasqueira, relativamente aos impactos da mineração, revelem uma percepção de carácter antropocêntrico por parte daqueles, com a correspondente subvalorização dos impactos ambientais e sociais face aos económicos. As preocupações da população inquirida acerca do futuro desta área reforçam esta conclusão, já que 81% refere o encerramento das minas como aspecto mais preocupante¹¹. Na mesma linha, o discurso das entidades, demonstra uma visão que valoriza o emprego sobre todos os outros aspectos associados à actividade mineira nesta área. Um dos inquiridos refere concretamente que:

«(...) nós ainda temos que louvar as Minas da Panasqueira, porque a juventude que aí há estão todos empregados... estão todos empregados lá. Só não está empregado quem não quer trabalhar lá». (JF5).

No entanto, outras perspectivas podem ser encontradas no discurso das entidades, que questionam o papel da companhia mineira no desenvolvimento local, como pode ser observado no extracto seguinte:

«Não posso considerar que foi fundamental para o desenvolvimento, porque a única coisa que a Beralt deu foi um maior poder económico. Mas isso não é fundamental para o desenvolvimento. Fundamental para o desenvolvimento era explorarem aquilo que, ao fim e ao cabo, é nosso e deixarem aqui alguma coisa, não é, para nos podermos desenvolver. Agora eles nunca nos deram nada.» (JF2).

Apesar de se poder afirmar a visibilidade material das Minas da Panasqueira a nível económico, ambiental e do património construído, a medida dos impactos na identidade e *memória* colectiva reveste-se de alguma dificuldade. No entanto, alguns dados demonstram a importância cultural das minas e o desejo, por parte da população, de ver preservada esta *herança*, designadamente através de actividades relacionadas com o turismo. Também o discurso dos autarcas aponta neste sentido. Por outro lado, na

¹¹ Apenas 34% se referiu à saúde dos mineiros, por exemplo.

linha do que foi discutido na primeira secção, em Portugal as questões da valorização do património geomineiro começam agora progressivamente a ganhar expressão. Concretamente, na área das Minas da Panasqueira, essa valorização é reconhecida pelas autoridades locais. Neste sentido, em 2003 realizaram-se no Fundão e em Silvares as primeiras *Jornadas Mineiras das Minas da Panasqueira*, promovidas pela *Pinus Verde*¹², pela Câmara Municipal do Fundão e pela companhia mineira (*Beralt Tin & Wolfram*). O principal objectivo das jornadas foi a apresentação do *Projecto Rio*, financiado pelo programa PITER¹³ e que visa implementar um conceito dinâmico associado ao trabalho e à vida nas minas, e o debate de soluções para a promoção do desenvolvimento integrado de toda a área de influência das Minas da Panasqueira.

Quando questionados acerca da possibilidade de encerramento das minas, e considerando a ausência de um plano para este efeito, uma percentagem significativa (36%) dos inquiridos referiu como alternativa económica para a área o desenvolvimento do turismo. As entidades entrevistadas depositam também alguma expectativa nas actividades de turismo associadas ao património mineiro. Esta circunstância é amplamente coincidente, quer com a evidência empírica produzida no âmbito de outras investigações nesta matéria (e.g. Ballesteros e Ramírez, 2007), quer com a crença generalizada, entre as autoridades locais em meio rural, no turismo como a panaceia para os constrangimentos desse mesmo meio (e.g. Ribeiro, 2003; Kastenholz e Figueiredo, 2007). Assim, todos os autarcas entrevistados mencionaram o aproveitamento turístico da sua área de intervenção. A aposta no turismo especificamente ligado às Minas da Panasqueira surge mais evidenciada na visão dos autarcas da Aldeia de São Francisco de Assis, de São Jorge da Beira e de Silvares, freguesias onde existem galerias subterrâneas, infra-estruturas ligadas à mineração e bairros mineiros. O trecho seguinte de uma das entrevistas demonstra isso mesmo:

«(...) quanto a mim o futuro disto aqui será o turismo, dado que temos potencialidades únicas. É uma mina deste género única no país, com grandes potencialidades para trazer turismo para cá» (JF1).

Apesar das propostas apresentadas pelos autarcas entrevistados assentarem no aproveitamento dos recursos existentes no interior do seu território e de não existirem iniciativas pensadas de forma articulada para a área da Panasqueira, surge claramente no discurso das entidades a importância de um projecto turístico comum, no sentido de valorizar a área e aproveitar a *marca* das Minas da Panasqueira, antes do encerramento da exploração. Como refere um dos autarcas há que:

«(...) criar a marca Minas da Panasqueira de forma a que, quando aquilo fechar definitivamente, haja aqui uma alternativa económica para muitas das famílias que hoje aqui vivem. Essa é a nossa preocupação e acho que devia ser a preocupação de todas as freguesias de ambos os concelhos.» (JF3).

De facto, a análise das diferentes entrevistas e do projecto que já está em curso no concelho do Fundão, permite esboçar um projecto turístico comum, nomeadamente a criação de «... *um percurso subterrâneo*

¹² Associação de Desenvolvimento Local.

¹³ Programa Integrado Turístico de natureza Estruturante e base Regional.

nas galerias existentes no lugar da Panasqueira, com passagem pela Barroca Grande, onde seriam visitadas as instalações actuais, e com um percurso de teleférico de cabo aéreo até ao Cabeço do Pião, onde se visitaria a lavaria do Rio». (Valente, 2008:122). As aldeias próximas não incluídas neste roteiro mineiro seriam integradas numa rota turística mais abrangente, de visita à região, com a valorização das margens do Zêzere e dos produtos locais e uma visita às Aldeias de Xisto, entre outras actividades que será possível desenvolver. A este respeito, os seguintes excertos de entrevistas são bastante ilustrativos:

«em questão de mina, podia-se falar na questão de S. Jorge porque é o início. A Aldeia de S. Francisco continua a ter a extracção. O Rio mantém aquela estrutura da lavagem. O resto um roteiro das aldeias mineiras, por exemplo tem a Barroca do Zêzere, Dornelas, lá em cima Portais-o-Velho, Unhais-o-Velho, Malhada Chã, que é bonito. Sobral de S. Miguel tem uma característica, as pessoas estão a recuperar as casas, a pôr a pedra à mostra e substituir a telha. Couto mineiro no meu entender são todas as aldeias que fazem parte da mina.» (JF2).

«(...) antigamente na Panasqueira entravam ali os mineiros e vinham sair na Barroca Grande. Há galerias, apesar de estarem já hoje, não estarem em condições de segurança para as pessoas passarem, que podem vir a ser recuperadas, como também porque não o passeio do Fundão (...) nós temos um teleférico de cabo aéreo que levava todos os concentrados lá para baixo para serem tratados. Porque não restaurar esse teleférico para as pessoas virem lá de baixo cá cima, e cá de cima lá baixo, porque isto trazia cerca de 200 baldes de volfrâmio lá dentro, sempre uma linha com 5 km de comprimento, nos 2 sentidos são 10 km. Era bom que se tivesse um teleféricozinho, uma ida outra vinda fazer esta viagem, não só viam a parte da floresta, os medronhos, como iam lá abaixo ao projecto do Fundão e vinham aqui visitar a mina, eu acho que estamos abertos caso as minas nos cedam. Se isto avançar, seria óptimo aqui para esta zona, quanto a mim, eu acho que será o futuro desta mina será o turismo.» (JF1).

Apesar da enorme fé depositada no turismo como factor de fixação das populações e, assim, de inversão do processo de desertificação já em curso, há também por parte dos autarcas o reconhecimento das dificuldades:

«Enfim, agora será difícil interrompermos a desertificação, não terá retrocessos... será difícil, até porque, enfim, isto é uma zona pobre, relativamente pobre, tem alguns recursos naturais, estou a falar das minas, da floresta, do rio. Há um conjunto de factores que podem atrair o turismo, mas há aqui uma questão que tem a ver com a localização geográfica, nós não estamos numa linha de auto-estrada, da A23 por exemplo, nós não temos grandes equipamentos, grandes serviços como sejam o hospital, a Universidade da Beira Interior, não estamos em zona do regadio da Cova da Beira e portanto estamos numa zona mais difícil... tirando enfim talvez o turismo pode haver aqui algumas potencialidades, vocês dirão que vêm de fora melhor do que eu, não é?». (JF3).

Assim, o discurso das entidades entrevistadas é exemplar destas expectativas, muito embora algumas salvaguardem a necessidade de criação de outras actividades que permitam o fortalecimento do tecido económico local:

«A minha perspectiva sobre o turismo é diferente de alguns, não sei. O virem pessoas de fora, visitar estas aldeias com alguma história, o seu enquadramento geográfico, o gostarem de estar assim em zonas sossegadas, de montanha, pode atrair muita gente ou o aproveitamento das galerias para visita e não sei quê... Mas acho que isso não será o suficiente para a sustentabilidade das pessoas que cá ficam. Eu penso que a aposta será, daí eu dizer se houvesse obrigatoriedade nas contrapartidas de quem tira, de dotar as freguesias com melhores meios económicos para se desenvolver...» (JF2).

A partir dos dados obtidos é possível verificar que os residentes locais depositam bastantes expectativas no turismo como actividade pós-mina, sendo evidente ainda que os projectos turísticos devem assentar primeiramente na revalorização do património mineiro, tanto material como imaterial. Por outro lado, observou-se, no discurso dos autarcas consultados, a ausência de uma articulação de ideias, vontades e projectos, quer no interior do *território mineiro*, quer com o exterior. Mais ainda, num contexto marcadamente rural que, simultaneamente, padece de problemas comuns a outras áreas interiores e não partilha com estas algumas vantagens ambientais, em consequência dos impactos da prolongada exploração mineira, é também reconhecida a necessidade de diversificação das actividades económicas. Importa ainda, sem negar que o turismo poderá constituir uma das vias para o desenvolvimento local, ter presentes também os seus efeitos perversos, designadamente a alteração das identidades locais e a *musificação* estática do património e a sua consequente desvalorização.

5. Conclusões

Neste trabalho começou-se por debater a relação entre as áreas mineiras, o seu património e a identidade local, salientando a recente atenção que tem sido dada à recuperação do património geomineiro como factor de desenvolvimento local, designadamente através das actividades associadas ao turismo. Argumentou-se que essa recuperação deve ter em conta a identidade local e a *memória* colectiva das comunidades mineiras como factores determinantes do sucesso de qualquer iniciativa de revitalização patrimonial para fins turísticos. Estes aspectos são tanto mais relevantes num contexto rural marcado pela interioridade e pela existência de danos ambientais irreversíveis, como é o caso da área das Minas da Panasqueira. Efectivamente, um dos aspectos que diferencia a actividade mineira de outras actividades económicas é a circunstância da inevitabilidade do esgotamento dos jazigos minerais que conduzirá ao encerramento das minas. Embora actualmente se reconheça a importância de um plano de encerramento, capaz de prever a existência de outras iniciativas empresariais que permitam a sobrevivência das comunidades rurais pós-mina, o facto é que na Panasqueira (à semelhança do que acontece na maior parte das áreas mineiras nacionais) esse plano não existe.

As Minas da Panasqueira, que já tiveram cerca de 10 000 trabalhadores, empregam actualmente apenas 200, estando, ainda que sem data marcada, a sua morte anunciada. Neste contexto, é nítida a necessidade de repensar o futuro das comunidades locais. Apesar das severas e visíveis *feridas* deixadas na paisagem, no ambiente, na economia e sociedade locais, subsiste nesta área um rico património material, associado aos equipamentos e infraestruturas criadas pela actividade e uma vasta herança imaterial, constituída pelas histórias e memórias dos mineiros e demais população. Tal como a maior parte das comunidades mineiras, também aqui a identidade local se encontra profundamente marcada pela presença das minas. Todo este património, hoje reconhecido, se reveste de importância não apenas para a população local, como para a sociedade entendida no seu conjunto, já que representa o testemunho de um passado que deve ser preservado. Nesta linha, como se verificou, o turismo surge como factor de recuperação patrimonial e de revitalização socioeconómica no discurso dos entrevistados na área das Minas da Panasqueira.

As acções de recuperação patrimonial até agora realizadas na área da Panasqueira podem ser consideradas pontuais e desarticuladas quer interna, quer externamente, com outras iniciativas associadas ao turismo e outras actividades. Por outro lado, a população inquirida, embora mencione o turismo como uma actividade importante no contexto de futuro encerramento das minas, parece desconhecer (ou não ter sido envolvida de forma activa) naquelas actividades. Todos estes aspectos chamam a atenção para a necessidade do estabelecimento de parcerias entre as várias entidades interessadas em desenvolver projectos turísticos, a várias escalas, e entre estas e as populações locais. Como argumentámos, a recuperação do património geomineiro no quadro do desenvolvimento de um turismo de *herança* só terá sucesso se a população local, as suas *memórias*, vivências e identidade forem mobilizadas de modo activo. Assim, como refere Valente (2008:144), um primeiro passo para a concretização de um projecto de recuperação patrimonial vivo e dinâmico, com impactos reais nas comunidades locais, será “*a criação de consensos e a definição de um projecto turístico integrado, englobando as várias componentes da mineração*”, designadamente a visita às minas, à lavaria e às comunidades locais e integrando as três vertentes associadas a um projecto desta natureza: o alojamento, a restauração e a animação. Finalmente, sendo o turismo uma actividade que, embora possa ter impactos positivos nas economias e sociedades locais, não contribui por si só para o desenvolvimento, é importante garantir alguma diversificação no que se refere às actividades económicas que, só será possível, através da criação de um sistema de apoios e incentivos de nível municipal ou nacional.

Referências Bibliográficas

Azapagic, A. (2004). Developing a framework for sustainable development indicators for the mining and minerals industry. *Journal of Cleaner Production* 12: 639-662.

Ballesteros, E. R. e Ramírez, M.H. (2007). Identity and community – reflections on the development of mining heritage tourism in Southern Spain. *Tourism Management*. 28 (3), 677 – 687.

Barroqueiro, M. (2005). O declínio de Centro Mineiros Tradicionais no contexto de uma Geografia Industrial em mudança: As Minas de Aljustrel e da Panasqueira. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Brandão, J.M. (2002). Recuperação e fruição de uma herança patrimonial comum. In Brandão, J.M. (coord.), *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 5-12.

Cavaco, C. 1995. Turismo rural e desenvolvimento local. *As Regiões de Fronteira: Inovação e Desenvolvimento na Perspectiva do Mercado Único Europeu*. CEG: 351-408.

Clark, I. (2000). Planning for Closure: The Case of Australia. In Warhurst, A. e Noronha, L. (eds.), *Environmental Policy in Mining: Corporate Strategy in Planning for Closure*. USA: Lewis Publishers, 441-453.

Durand, J-Y. (2005). *Patrimónios/ Patrimônios* (<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5367/3/Patrim%C3%B3nios.pdf>)

Gómez, D.J.C. e Martínez, A.G. (2006). Patrimonio Minero, en el ámbito inter e intranacional. 1ª Jornada sobre el Patrimonio Minero de Burguillos del Cerro. Badajoz.

Gómez, D.J.C., Martínez, A.G. e Macias, E.R. (2002). El patrimonio geológico y minero, un importante factor a considerar en el cierre de minas. In Brandão, J.M. (coord.), *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 239-245.

Hoskin, A. (2000). Mine Closure – The 21st Century Approach. I Jornadas Iberoamericanas sobre Cierre de Minas. Huelva: Universidad Internacional de Andalucía.

Kastenholz, E. e Figueiredo, E. (2007). Existing and Potential connections between Rural Tourism and Rural Development – Empirical Approach, comunicação apresentada por convite no 3rd *European Congress on Rural Tourism – Challenges and Strategies for Rural Tourism*, Topic 1 – *Romanticism or ‘Rural Disney’ – Where are we Heading?*, Eger, Hungria, Setembro.

Leal, M.V. (1945). *As Minas da Panasqueira: Vida e História*. Câmara Municipal da Covilhã e Junta de Freguesia de Aldeia de S. Francisco de Assis.

Magno, C. (2001). Indústria Extractiva – Do Paradigma do Controlo da Oferta para um Modelo de Regulamentação Orientado para os Desafios do Desenvolvimento Sustentável. *Boletim de Minas* 38(4): 225-259.

Matos, J.X., Oliveira, J.M.S., Farinha, J., Ávila, P., Rosa, C., Leite, M.R.M., Daniel, F.S. e Martins, L. (2002). Património Mineiro Português: Estado Actual da Herança Cultural de um País Mineiro. In Brandão, J.M. (coord.), *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 539-554.

Menezes, J. (1988). Perspectivas do Desenvolvimento da Actividade Mineira em Portugal. *Boletim de Minas* 25(2): 331-341.

MMSD (2002). Breaking new ground: Mining, Minerals and Sustainable Development Project. IIED e WBCSD, UK: London. (<http://www.iied.org/mmsd/finalreport/index.html>).

Nyamekye, E. (2000). Socioeconomic Impact of Mine Closures: A Case Study of Ghana. In Warhurst, A. e Noronha, L. (eds.), *Environmental Policy in Mining: Corporate Strategy in Planning for Closure*. USA: Lewis Publishers, 397-413.

Oliveira, J., Farinha, J., Matos, J., Ávila, P., Rosa, C., Machado, M., Daniel, F., Martins, L. e Leite, M. (2002). Diagnóstico Ambiental das Principais Minas Degradadas do País. *Boletim de Minas*, 39(2): 67-85.

Pé-Curto, A., Matos, J.X., Vasconcelos, J., Cebola, P. e Felgueiras, S. (2002). Património Geológico da Mina do Bugalho – Valorização do seu Passado Histórico-Mineiro. In Brandão, J.M. (coord.), *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 211-218.

Ribeiro, M. (2003). Pelo turismo é que vamos/poderemos ir (?), Sobre as representações e as visões dos responsáveis das administrações públicas de âmbito local, acerca do turismo para o desenvolvimento rural. Simões, O. e Cristóvão, A. (eds.) *TERN- Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra. IPC: 41-56.

Ribeiro, M. and Marques, C. (2002). Rural tourism and the development of less favoured areas – between rhetoric and practice. *International Journal of Tourism Research*. 4: 211-220.

Roberts, R. e Veiga, M. (2000). Preenchendo o vazio: A mudança da fisionomia da reabilitação de áreas mineradas nas Américas. I Jornadas Iberoamericanas sobre Cierre de Minas. Huelva: Universidad Internacional de Andalucía.

Santos, M. e Tinoco, A. (1998). Um projecto de musealização para as Minas do Lousal. *Arqueologia & Indústria* 1: 117-125.

Sassoon, M. (1999). Effective Environmental Impact Assessment. In Warhurst, A. e Noronha, L. (eds.), *Environmental Policy in Mining: Corporate Strategy in Planning for Closure*. USA: Lewis Publishers, 101-116.

Valente, S. (2008). «Sol nunca houve nem há-de haver...» As Minas da Panasqueira e seus impactos nas comunidades locais. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Políticas Locais e Descentralização do Poder: As Novas Áreas do Social. Coimbra: Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Valente, S. e Figueiredo, E. (2007) “Marcadas pela Mina - Actividade mineira vs Comunidades Locais, in Borrego, C. Miranda, A.I.; Figueiredo, E.; Martins, F.; Arroja, L e Fidélis, T. (org.). *Um Futuro Sustentável – Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento - Actas da 9ª Conferência Nacional do Ambiente*, Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 111-118

Valente, S. e Figueiredo, E. (2008). *Waiting for the Sun* - Mining and local development in rural areas. Vaishar, A. e Zapletalová (eds) *EURORURAL'08 – Investigating European Countryside, 1st Moravian Conference on Rural Research*, Brno, República Checa, Mendel University of Agriculture and Forestry, publicado em CDrom – Tema: Rural Sociology)